

## **Carta de Maputo: V Conferência Internacional da Via Campesina**

*Maputo, Moçambique, 19-22 de Outubro, 2008*

**O mundo inteiro está em crise. Uma crise multi-dimensional. De alimentos, de energia, de clima e de finanças. As soluções que o poder propõe – mais livre comércio, sementes transgénicas, etc. – ignoram que a crise resulta do sistema capitalista e do neoliberalismo, e somente aprofundarão os seus impactos. Para encontrar soluções reais, temos que olhar para a Soberania Alimentar proposta pela Via Campesina.**

### **Como chegámos à crise?**

Nas últimas décadas assistimos ao avanço do capitalismo financeiro e das empresas multinacionais, sobre todos os aspectos da agricultura e do sistema alimentar dos países e do mundo. Desde a privatização das sementes e a venda de agrotóxicos, até à compra da colheita, o processamento dos alimentos, e o seu transporte, distribuição e venda ao consumidor, tudo já está nas mãos de um número reduzido de empresas. Os alimentos deixaram de ser um direito de todos e todas, e tornaram-se apenas em mercadorias. A nossa alimentação está a ser homogeneizada em todo mundo, com alimentos de má qualidade, preços que as pessoas não podem pagar, e as tradições culinárias dos nossos povos estão a perder-se.

Ao mesmo tempo estamos a assistir a uma ofensiva do capital para controlar os recursos naturais, como nunca se viu desde os tempos coloniais. A crise da margem de lucro levou o capital a lançar uma guerra de privatizações que conduz à expulsão dos nossos camponeses, camponesas e comunidades indígenas, e ao roubo das nossas terras, territórios, florestas, biodiversidade, água e minérios. Um roubo privatizador. Os povos rurais e o meio ambiente estão a ser agredidos. O cultivo de agrocombustíveis em grandes monoculturas industriais também é a razão dessa expulsão, falsamente justificada com argumentos sobre a crise energética e climática. Mas a verdade é que actual dependência dos transportes de bens em longa distância e o transporte de pessoas em automóveis, em vez da utilização dos transportes públicos tem mais a ver com esta crise do que qualquer outro factor.

Com a crise dos alimentos e com a crise financeira, a situação torna-se mais grave. A mesma crise financeira e a crise dos alimentos estão vinculadas à especulação do capital financeiro com os alimentos e a terra, em detrimento das pessoas. Agora, à medida em que a crise aumenta, o capital financeiro está desesperado, assaltando os erários públicos para os seus resgates, obrigando ainda mais os países a fazerem cortes orçamentais, conduzindo a uma maior pobreza e sofrimento. A fome no mundo segue a passos largos. A exploração e todas as violências, em especial a violência contra as mulheres, espalham-se pelo mundo. Com a recessão económica nos países ricos, aumenta a xenofobia contra os trabalhadores e trabalhadoras migrantes, com o racismo a tomar grandes proporções e com a repressão a aumentar. Os jovens têm cada vez menos oportunidades no campo. É isso o que o modelo dominante oferece.

Ou seja, tudo vai de mal a pior. Contudo, no seio da crise, as oportunidades fazem-se presentes. Oportunidades para o capitalismo, que usa a crise para se reinventar e encontrar novas formas de manter suas taxas de lucro, mas também oportunidades para os movimentos sociais, que defendem a tese de que o neoliberalismo perde legitimidade entre os povos, e que as instituições financeiras internacionais (Banco Mundial, FMI, OMC) estão a mostrar a sua

incapacidade de administrar a crise (além de serem parte dos motivos da crise). Esta situação cria a possibilidade de desarticular estas instituições e criar outras capazes de regular a economia global que sirva os interesses públicos. Está claro que as empresas transnacionais são os verdadeiros inimigos. Estão por trás de tudo. Está claro que os governos neoliberais não atendem aos interesses dos povos. Também está claro que a produção mundial de alimentos controlada pelas empresas transnacionais não é capaz de alimentar o grande contingente de pessoas neste planeta, enquanto que a Soberania Alimentar baseada na agricultura camponesa local se torna mais necessária do que nunca.

### **O que defendemos na Via Campesina face a esta realidade?**

\* A soberania alimentar: Renacionalizar e tirar o capital especulativo da produção dos alimentos é a única saída para a crise dos alimentos. Somente a agricultura camponesa alimenta os povos, enquanto o agronegócio produz para a exportação e a sua produção de agrocombustíveis é para alimentar os automóveis, e não para alimentar gente. A Soberania Alimentar baseada na agricultura camponesa é a solução para a crise.

\* Face às crises energéticas e climáticas: a disseminação de um sistema alimentar local, que não se baseia na agricultura industrial nem no transporte a longa distância, eliminaria até 40% das emissões de gases de efeito estufa. A agricultura industrial aquece o planeta, enquanto a agricultura camponesa arrefece. Uma mudança no padrão do transporte humano para um transporte colectivo e outras mudanças no padrão de consumo, são os passos a mais necessários para enfrentarmos a crise energética e climática.

\* A Reforma Agrária genuína e integral, e a defesa do território indígena são essenciais para reverter o processo de expulsão do campo, e para disponibilizar a terra para a produção de alimentos, e não para produzir para a exportação e para combustíveis.

\* A agricultura camponesa sustentável: somente a produção camponesa agroecológica pode desvincular o preço dos alimentos do preço do petróleo, recuperar os solos degradados pela agricultura industrial e produzir alimentos saudáveis e próximos para nossas comunidades.

\* O avanço das mulheres é o avanço de todos: o fim de todos os tipos de violência para com as mulheres, seja ela física, social ou outras. A conquista da verdadeira paridade de género em todos os espaços internos e instâncias de debates e tomada de decisões são compromissos imprescindíveis para avançar neste momento como movimentos de transformação da sociedade.

\* O direito à semente e à água: a semente e a água são as verdadeiras fontes da vida, e são patrimónios dos povos. Não podemos permitir a sua privatização, nem o cultivo de sementes transgénicas ou de tecnologia terminator.

\* Não à criminalização dos movimentos sociais. Sim à declaração dos Direitos dos Camponeses e Camponesas na ONU, proposta pela Via Campesina. Será um instrumento estratégico no sistema legal internacional para fortalecer nossa posição e nossos direitos como camponeses e camponesas.

\* A juventude do campo: É necessário abrir, cada vez mais, espaços nos nossos movimentos para incorporar a força e a criatividade da juventude camponesa, com a sua luta para construir o seu futuro no campo.

\* Finalmente, nós produzimos e defendemos os alimentos de todos e todas.

Todas e todos os participantes na V Conferência da Via Campesina comprometemo-nos com a defesa da agricultura camponesa, com a Soberania Alimentar, com a dignidade, com a vida. Nós colocamos à disposição do mundo as soluções reais para a crise global que estamos a enfrentar hoje. Temos o direito de continuarmos a ser camponeses e camponesas, e temos a responsabilidade de alimentar os nossos povos.

Aqui estamos, nós os camponeses e camponesas do mundo, e negamo-nos a desaparecer.

***Soberania Alimentar JÁ! Com a luta e a unidade dos povos!***  
***Globalizemos a luta! Globalizemos a esperança!***